

DESTINO DOS QUE MORREM

- Que acontece ao corpo e à alma quando morremos?
- Quando receberemos o corpo ressurreto?
- Como ele será? IEADJA

I – ANÁLISE À LUZ DA BÍBLIA DO DESTINO DOS QUE MORREM COM CRISTO

1. A morte é o resultado final da vida no mundo decaído.

O entendimento de que a morte não é de modo algum a punição pelo pecado, mas simplesmente algo que Deus nos faz passar a fim de tornar-nos mais parecidos com Cristo, deve servir de grande encorajamento para nós. Esse entendimento deve retirar de nós todo o temor da morte que assalta a mente dos crentes (cf. Hb 2.15). Todavia, embora Deus venha a nos fazer um bem por meio do processo da morte, devemos ainda lembrar que a morte não é natural, não é uma coisa boa e, no mundo criado por Deus, ela é algo que não deveria existir. Ela é uma inimiga — algo que Cristo finalmente vai destruir (1Co 15.26).

O último aspecto do mundo decaído a ser removido será a morte. Paulo diz: “Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte” (1Co 15.24-26).

Quando Cristo retornar, então se cumprirá a palavra que está escrita: “A morte foi destruída pela vitória”. “Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?” (1Co 15.54,55). Mas até aquele tempo a morte vai permanecer uma realidade mesmo na vida dos cristãos.

A morte vem como resultado de vivermos no mundo decaído, onde os efeitos do pecado não foram ainda removidos. Ligados à experiência da morte estão outros resultados da queda que prejudicam nosso corpo físico e assinalam a presença da morte no mundo — tanto os cristãos como os não-cristãos experimentam o envelhecimento, as doenças, os prejuízos, os desastres naturais (como as enchentes, tempestades violentas e terremotos). Embora Deus muitas vezes responda às orações para libertar cristãos (e também não-cristãos) de alguns desses efeitos da queda por certo tempo (indicando assim a natureza do seu Reino que se aproxima), os cristãos acabam experimentando todas essas coisas em alguma medida, e, até que Cristo retorne, todos nós ficaremos velhos e morreremos. O “último inimigo” ainda não foi destruído. E Deus resolveu permitir que experimentássemos a morte antes de ganharmos todos os benefícios da salvação que foi conquistada para nós.

2. O que devemos saber sobre a morte o estado de consciência e o local dos mortos?

a) há três tipos de morte:

Morte física – é a cessação do processo vital em um organismo vivo com a dissolução molecular necessária a vida;

Morte espiritual – é a morte ocasionada pelo pecado que faz a separação da comunhão do homem com Deus (Ef 4.18), essa morte pode ser anulada pela aceitação de Cristo como salvador e Senhor;

Morte eterna – é a eterna separação do homem da presença de Deus, onde não há mais possibilidade de arrependimento e o perdão de Deus (Mt 25.46). É a segunda morte porque a primeira é física. Os ímpios, depois de julgados, receberão a punição da rejeição que fizeram à graça de Deus e, serão lançados no lago de fogo (Ap 20.15,15; Mt 5.22,29,30).

b) Local dos mortos

O termo sheol do hebraico, foi traduzido pelo termo grego hades. Jesus em Lc 16.19-31, menciona um lugar (hades) onde havia pelo menos três compartimentos a saber: Um deles foi chamado de seio de Abraão, onde estavam as almas dos justos mortos até a visita de Cristo, na sua morte (Ef 4.8), um segundo, Jesus chamou de abismo (2Pe 2.4) e o último compartimento era onde as almas de todos os mortos não justificados por Cristo estão aguardando a última ressurreição para a sentença final. *Após a ressurreição de Cristo o seio de Abraão foi transportado para um outro lugar próximo de Deus, e passou a ser chamado de Paraíso* (Lc 16.19-31; Ef 4.8,9; 2Tm 1.9,10; 2Co 12.1-4; Ap 6.9,10).

c) Tipos de inferno

Sheol = Hades – lugar temporário onde atualmente os mortos não justificados esperam pela sentença final por meio da ressurreição para a morte eterna;

Geena (Vale dos filhos de Hinom) – Mc 9.43,44 é uma das características do lago de fogo;

Lago de Fogo – é o lugar de sofrimento eterno dos ímpios, de satanás e seus anjos (Mt 25.41; Ap 20.15). Neste lugar existirão tormentos (Ap 14.10,11); trevas (Mt8.12); castigo eterno (Mt 25.46); ira de Deus (Rm 2.5) e a segunda morte (Ap21.8).

d) Céu

O ponto culminante na história da salvação é alcançado com o estado perfeito após o juízo final, e este estado só será alcançado quando os remidos estiverem privando da mais íntima comunhão com o criador. Logo o céu é a expressão máxima, nesta vida limitada, que conseguimos conceber desta situação total de bem aventurança (Ap 21.3). A palavra céu no grego mais usada é ouranos, que significa o lugar onde se manifesta a presença de Deus (Is 66.1; Mt 5.12). Tendo como referência 2Co 12.2, aceita-se que o céu é dividido em céu dois pássaros (Gn 1.20), que é o primeiro céu; o céu dos astros, que é o segundo céu e o terceiro céu que fica acima de todos (Hb 1.3). O terceiro céu é onde presumimos que se encontra a morada Divina. Deus tem preparado a Jerusalém celestial onde Cristo irá habitar com os remidos (Jo 14.2,3), e é um lugar literal.

c) Estado de consciência dos mortos

As passagens baixo citadas demonstrando que a alma dos crentes vai imediatamente para a presença de Deus e desfruta comunhão com ele ali (2Co 5.8; Fp 1.23; Lc 23.43; Hb 12.23) indicam, todas elas, que há para o crente existência consciente e comunhão com Deus imediatamente após a morte. Jesus não disse: “Hoje você não terá mais consciência de qualquer coisa que está por acontecer”, e sim: “Hoje você estará comigo no paraíso” (Lc 23.43). Certamente a concepção de paraíso entendida naquela época não era a de existência inconsciente, mas de grande bênção e alegria na presença de Deus. Paulo não diz: “Desejo partir e ficar inconsciente por um longo período de tempo”, mas antes “*desejo partir e estar com Cristo*” (Fp 1.23). Ele certamente sabia que Cristo não estava inconsciente, o Salvador adormecido, mas o Salvador que estava vivo e reinando no céu. Estar com Cristo significava desfrutar a bênção da comunhão da sua presença, e essa é a razão por que partir e estar com Cristo era “muito melhor” (Fp 1.23). Assim, ele diz: “Temos, pois, confiança e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor” (2Co 5.8).

d) Morte daqueles que estão firmados em Cristo Jesus

A morte é a cessação temporária da vida corporal e a separação entre a alma e o corpo. Uma vez que o crente morre, embora o seu corpo físico permaneça na terra sepultado, no momento da morte sua alma (ou espírito) vai imediatamente para a presença de Deus com regozijo. Quando Paulo reflete sobre a morte, ele diz: “*Temos, pois, confiança e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor*” (2Co 5.8). Estar ausente do corpo é estar em casa com o Senhor. Ele também diz que o seu desejo é “*partir e estar com Cristo, o que é muito melhor*” (Fp 1.23). Jesus disse ao ladrão que estava à sua direita: “*Hoje você estará comigo no paraíso*” (Lc 2 3.43). *O autor de Hebreus diz que, quando os cristãos comparecem para adorar juntos, eles vêm não somente à presença de Deus no céu, mas também à presença dos “espíritos dos justos aperfeiçoados”* (Hb 12.23). Contudo, como veremos em mais detalhes a seguir, Deus não vai deixar o corpo para sempre na sepultura, pois, quando Cristo retornar, a alma dos crentes será reunida ao corpo, o corpo será ressuscitado dentre os mortos e os crentes viverão com Cristo eternamente.

O NT nos encoraja a ver a própria morte não com temor, mas com alegria pela perspectiva de partir e estar com Cristo. Paulo diz: “*Temos, pois, confiança e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor*” (2Co 5.8). Quando estava na prisão, não sabendo se seria executado ou se seria solto, ele pode dizer: “*porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Caso continue vivendo no corpo, terei fruto do meu trabalho. E já não sei o que escolher! Estou pressionado dos dois lados: desejo partir e estar com Cristo, o que é muito melhor*” (Fp 1.21-23).

Também lemos as palavras de João no Apocalipse: “*Então ouvi uma voz dos céus dizendo: ‘Escreva: Felizes os mortos que morrem no Senhor de agora em diante’. Diz o Espírito: ‘Sim, eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão*” (Ap 14.13).

Os crentes, portanto, não precisam ter medo de morrer, porque a Escritura nos assegura de que nem mesmo a morte “*será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor*” (Rm 8.39; cf. Sl 23.4). De fato, Jesus morreu para libertar “*aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte*” (Hb 2.15).

“*Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança*” (1Ts 4.13). Ele lhes assegura que Cristo “*morreu por nós para que, quer estejamos acordados quer dormindo, vivamos unidos a ele*” (1Ts 5.10) e, desse modo, ele os encoraja dizendo que os que morrem vão estar com o Senhor. Essa é a razão por que a Escritura pode dizer: “*Felizes os mortos que morrem no Senhor [...] eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão*” (Ap 14.13). De fato, a Escritura mesmo nos diz: “*O SENHOR vê como preciosa a morte de seus fiéis*” (Sl 116.15).

II – RESSURREIÇÃO DOS QUE MORRERAM COM CRISTO

Como foi mencionado anteriormente, Deus não deixará nosso corpo morto na sepultura para sempre. Quando Cristo nos redimiu, ele não redimiu apenas nosso espírito (ou alma) — ele nos redimiu como pessoas completas, e isso inclui a redenção de nosso corpo. Portanto, a aplicação da obra redentora de Cristo a nós não será completa até que nosso corpo seja inteiramente liberto dos efeitos da queda e trazido ao estado de perfeição para o qual Deus o criou. De fato, a redenção de nosso corpo ocorrerá somente quando Cristo retornar e ressuscitá-lo dentre os mortos. Mas, no tempo presente, Paulo diz que esperamos pela “*redenção do nosso corpo*” e então acrescenta: “*Pois nessa esperança fomos salvos*” (Rm 8.23,24). O estágio da aplicação da redenção em que receberemos por fim o corpo ressuscitado é chamado de glorificação. Referindo-se àquele dia futuro, Paulo diz que participaremos da glória de Cristo (cf. Rm 8.17) . Além disso, quando Paulo traça os passos na aplicação da redenção, o último que menciona é a glorificação: “*E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou*” (Rm 8.30).

Podemos definir glorificação da seguinte maneira: A glorificação é o passo final da redenção. Ela acontecerá quando Cristo retornar e ressuscitar dentre os mortos os corpos de todos os crentes de todas as épocas que morreram e reuni-los às respectivas almas, e mudar os corpos de todos os crentes que permanecerem vivos, dando assim a todos os crentes ao mesmo tempo um corpo ressuscitado perfeito igual ao seu (1 Co 15.20,23,49; Fp 3.21; 1Co 15.42-44,49; Dn 12.3; Mt 13.43; 1Co 15.43).

1. Com que se assemelhará o corpo ressurreto?

Se Cristo vai ressuscitar o nosso corpo dentre os mortos quando retornar e se nosso corpo será igual ao seu corpo ressurreto (1 Co 15.20,23,49; Fp 3.21), então a que se assemelhará nosso corpo?

Usando o exemplo de lançar a semente no solo e então aguardá-la crescer e se tornar algo muito mais maravilhoso, Paulo passa a explicar em detalhes com o que nosso corpo será parecido: *“Assim será a ressurreição dos mortos. O corpo que é semeado é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e ressuscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é semeado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual. [...] Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial”* (1Co 15.42-44,49).

Paulo primeiro afirma que nosso corpo ressuscitado será “imperecível”. Isso significa que ele não se desgastará nem envelhecerá, nem mesmo estará sujeito a qualquer espécie de doença ou enfermidade. Ele será completamente sadio e forte para sempre. Além disso, já que o processo gradual de envelhecimento é parte do processo pelo qual nosso corpo está agora sujeito à pericibilidade, é apropriado pensar que nosso corpo ressuscitado não apresentará qualquer sinal de envelhecimento, antes terá as características da juventude. Não haverá qualquer evidência de doença ou dano, pois todos se tornarão perfeitos. Nosso corpo ressuscitado evidenciará o cumprimento da sabedoria perfeita de Deus em nos criar como seres humanos que são a coroa da sua criação e os portadores apropriados de sua imagem e semelhança. No corpo ressuscitado claramente veremos a humanidade como Deus pretendeu que fosse (Mt 13.43). O corpo terá mesmo assim a força e o poder humanos de maneira completa e plena, a força que Deus pretendeu que os seres humanos tivessem em seu corpo quando originariamente os criou.

Por último, Paulo diz que o corpo ressuscitado é um “corpo espiritual” (1Co 15.44). Nas cartas paulinas, a palavra “espiritual” (gr., pneumatikos) nunca significa “não-físico”, e sim “consistente com o caráter e a atividade do Espírito Santo” (v.,p.ex., Rm 1.11; 7.14; 1Co 2.13,15; 3.1; 14.37; Gl 6.1 [“vocês, que são espirituais”]; Ef 5.19). Não se trata de um corpo “não-físico”, mas de um corpo físico ressuscitado e elevado ao grau de perfeição que originariamente Deus pretendeu que tivéssemos. Os exemplos repetidos em que Jesus demonstrou aos discípulos que ele tinha um corpo físico que era capaz de ser tocado, que possuía carne e OSSOS (Lc 24.39) e que poderia comer mostram que o corpo de Jesus, que é modelo para o nosso, era claramente um corpo físico que havia se tornado perfeito. “... sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é” (1Co 13.2; essa afirmação é verdadeira não somente no sentido ético, mas também em termos de nosso corpo físico; cf. 1 Co 15.49; Rm 8.29). Tal segurança proporciona a afirmação clara de que a criação física de Deus é boa. Viveremos nos corpos que terão todas as qualidades excelentes que Deus criou para que as tivéssemos e, assim, para sempre seremos prova viva da sabedoria de Deus em fazer tudo na criação material, desde o princípio, “muito bom” (Gn 1.31). *Viveremos como crentes ressuscitados no novo corpo, e ele será adequado para a nossa habitação nos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”* (2Pe 3.13).

III – ANÁLISE À LUZ DA BÍBLIA DO DESTINO DOS QUE MOR- RERAM SEM CRISTO

1. A morte dos descrentes.

A alma dos descrentes vai imediatamente para a punição eterna. A Escritura nunca nos encoraja a pensar que as pessoas terão outra oportunidade de confiar em Cristo após a morte. De fato, trata-se exatamente do contrário. A parábola de Jesus a respeito do rico e de Lázaro não dá esperança alguma de que as pessoas possam passar do inferno para o céu após terem morrido. Embora o rico no inferno tivesse gritado : “Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste fogo”, Abraão lhe respondeu: “*entre vocês e nós há um grande abismo, de forma que os que desejam passar do nosso lado para o seu, ou do seu lado para o nosso, não conseguem*”(Lc 16.24-26).

2. A Bíblia não ensina a doutrina do purgatório

O fato de que a alma dos crentes vai imediatamente para a presença de Deus significa que não há nada semelhante a purgatório.

No ensino da Igreja Católica Romana, o purgatório é o lugar para onde a alma dos crentes vai a fim de ser purificada do pecado, até que esteja pronta para ser admitida no céu. De acordo com esse pensamento os sofrimentos do purgatório são dados por Deus em substituição à punição dos pecados que os crentes deveriam ter recebido nesta vida, mas não receberam. Mas essa doutrina não é ensinada na Escritura, e é de fato contrária aos versículos citados anteriormente. A Igreja Católica Romana retirou o apoio para essa doutrina não das páginas das Escrituras canônicas que os protestantes aceitaram desde a Reforma, mas nos escritos apócrifos. Antes de tudo, deve ser dito que essa literatura não é igual à Escritura em autoridade e não deve ser tomada como fonte de doutrina cheia de autoridade. Além disso, os textos dos quais essa doutrina é derivada contradizem afirmações claras do NT e, assim, se opõem ao ensino da Escritura. Por exemplo, o texto primário usado nesse sentido , 2Macabeus 12.42-45, contradiz as afirmações claras da Escritura citadas anteriormente a respeito de partir para estar com Cristo. O texto diz o seguinte: [*Depois, tendo organizado uma coleta individual, Judas Macabeus, o líder das forças judaicas*] enviou a Jerusalém cerca de duas mil dracmas de prata, a fim de que se oferecesse um sacrifício pelo pecado: agiu assim absolutamente bem e nobremente, com o pensamento na ressurreição. De fato, se ele não esperasse que os que haviam sucumbido iriam ressuscitar, seria supérfluo e tolo rezar pelos mortos. Mas, se considerava que uma belíssima recompensa está reservada para os que adormecem na piedade, então era santo e piedoso o seu modo de pensar. Eis por que ele mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, afim de que fossem absolvidos do seu pecado.

Aqui fica claro que tanto a oração pelos mortos como fazer uma oferta a Deus para libertar os mortos de seus pecados (indulgência) são práticas não aprovadas pelas escrituras porque contradiz o ensino explícito do NT de que somente Cristo fez expiação por nós.

Outras passagens às vezes usadas para dar suporte à doutrina do purgatório são Mateus 12.32 e 1 Coríntios 3.15. Em Mateus 12.32, Jesus diz: “Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem na que há de vir”. Comenta-se que essa frase “deixa aberta a possibilidade de que pecados são perdoados não somente neste mundo, mas no mundo por vir”. A doutrina do purgatório rouba dos crentes o grande conforto que lhes deveria pertencer por saber que os que morreram foram imediatamente para a presença do Senhor e por saber que eles também, quando morrerem, partirão e estarão “*com Cristo, o que é muito melhor*” (Fp 1.23).

3. A Bíblia não ensina a doutrina do sono da alma

O fato de que a alma dos crentes vai imediatamente para a presença de Deus também significa que a doutrina do sono da alma é incorreta. Essa doutrina ensina que, quando morrem, os crentes entram no estado de existência inconsciente, e a próxima coisa de que terão consciência será quando Cristo retornar e os ressuscitar para a vida eterna. Essa doutrina nunca encontrou grande aceitação na igreja.

O suporte para esse pensamento tem sido geralmente encontrado no fato de que a Escritura diversas vezes fala do estado dos mortos como de um sono ou de “adormecer” (Mt 9.24; 27.52; Jo 11.11; At 7.60; 13.36; 1Co 15.6,18,20,51; ITs 4.13; 5. 10). Além disso, certas passagens parecem ensinar que os mortos não possuem existência consciente (v. Sl 6.5; 115.17 [mas repare no v. 18!]; Ec 9.10; Is 38.19) . Porém, quando a Escritura apresenta a morte como sono, trata-se simplesmente de uma expressão metafórica usada para indicar que a morte é somente temporária para os cristãos, exatamente como o sono é temporário. Isso é claramente visto, por exemplo, quando Jesus fala com seus discípulos a respeito da morte de Lázaro. Ele diz: “Nosso amigo Lázaro adormeceu, *mas vou até lá para acordá-lo*” (Jo 11.11).

Com respeito às passagens que indicam que os mortos não louvam a Deus ou que há uma cessação de atividade consciente quando as pessoas morrem, devem ser todas entendidas da perspectiva da vida neste mundo. De nossa perspectiva, parece que, uma vez que as pessoas morrem, elas não se dedicam nunca mais a essas atividades... Mas o salmo 115 apresenta uma perspectiva plenamente bíblica desse ponto de vista. Ele diz: “Os mortos não louvam o SENHOR, tampouco nenhum dos que descem ao silêncio”(v. 17). Todavia, ele prossegue no próximo versículo com um contraste, demonstrando que os que crêem em Deus bendirão o Senhor para sempre: “Mas nós bendiremos O SENHOR, desde agora e para sempre! Aleluia!” (v. 18).

4. Devemos orar pelos mortos?

Finalmente, o fato de que a alma dos crentes vai imediatamente para a presença de Deus significa que nós não devemos orar pelos mortos. Embora a oração pelos mortos seja ensinada em 2Macabeus 12.42-45 (v. anteriormente), em nenhum lugar algum da Escritura isso é ensinado, porque a recompensa celeste final será baseada em atos praticados nesta vida, como a Escritura repetidamente testifica (1 Co 3.12-15; 2Co 5.10;) . Ademais, a alma dos descrentes que morrem vai para o lugar de punição e de eterna separação da presença de Deus.

IV – RESSURREIÇÃO DOS QUE MORRERAM SEM CRISTO

O livro de Hebreus associa a morte com a consequência do julgamento em uma seqüência imediata: “*Da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo*” (Hb 9.27). Além disso, a Escritura nunca apresenta o juízo final como dependente de qualquer coisa feita após a nossa morte, mas dependendo somente do que aconteceu nesta vida (Mt 25.31-46; Rm 2.5-10; 2Co 5. 10) . Alguns argumentam a favor de outra oportunidade para se crer no evangelho com base na pregação de Cristo aos espíritos em prisão em 1 Pedro 3.18-20 e na pregação do evangelho “a mortos” em 1Pedro 4.6, mas essas são interpretações inadequadas dos versículos em questão e, numa análise mais precisa, não dão apoio a tal pensamento.

Embora os descrentes passem para o estado de punição eterna imediatamente após a morte, o corpo deles não será ressuscitado até o dia do juízo. Naquele dia, o corpo de cada um será ressuscitado e reunido à alma, e comparecerão perante o trono de Deus para o juízo final que vai ser pronunciado sobre eles, incluindo o corpo (v. Mt 25.31-46; Jo 5.28,29; At 24.15; Ap 20.12,1 5) . Isso nos conduz à consideração da ressurreição do corpo do crente, que é o passo final de sua redenção.